

# VOLTAIRE: O VERSEJADOR, O LITERATO, O COMUNICADOR

Jussara Santos Pimenta

Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)



*"Marchez toujours en ricanant, mé frères  
dans le chemin de la vérité".  
(Voltaire, Carta a D'Alembert, 1761)*

**Resumo:** Esse trabalho tem como objetivo apresentar alguns instantes da vida e obra de Voltaire e discutir a conexão existente entre essa vida e obra, ou seja, o que foi definitivo e marcante em sua trajetória pessoal, a influência do contexto histórico, o que foi definitivo para o desenvolvimento de suas campanhas, que propósitos utilizou ou silenciou. A partir dessa reflexão, encaminha para uma divisão, apenas didática, em três fases: a primeira, que nasce a partir de seus dotes de hábil versejador; a segunda, de literato e intelectual da academia e a terceira fase - a do comunicador - que inicia com as suas campanhas e panfletos e o livro *Cândido*.

**Palavras-Chave:** Voltaire. Filosofia. História da Filosofia.

**Abstract:** This study concerns some moments of life and work of Voltaire and considers the link between these two aspects, that is, what was crucial in his personal path and decisive for the development of his campaigns, which proposals he had or put aside, as well as the influence of the historical context. From these considerations, this study didactically divides his life into three periods: the first, which originates from his abilities as a poet; the second, as a talented writer; and the third – as a communicator –, which initiates with his campaigns and pamphlets, and the book *Candid*.

**Key- words:** Voltaire. Philosophy. History of Philosophy.

**F**rançois Marie Arouet nasceu em Paris 1694. Era filho de um comerciante e notário no Châtelêt. Estudou com os jesuítas, embora afirmasse que com eles só havia aprendido latim e algumas bobagens. Seu pai sonhava em torná-lo advogado, porém Voltaire achava que o Direito era *uma profusão de coisas*

*inúteis*. Quando soube que o pai pretendia comprar um título de nobreza para ele, teria respondido que não se interessava por uma deferência comprada e que o conquistaria sem nada pagar a ninguém.

Um dos homens mais fascinantes e paradoxais de todos os tempos, Vol-

taire era ao mesmo tempo ambicioso, intolerável, polêmico, odioso, ridículo, ímpio, intransigente, impiedoso, intrigante, caluniador, jamais esquecia a injúria recebida. O escândalo era o seu dia-a-dia, permanecia à espera de oportunidade para dizer a última palavra. Era sempre um exagerado em tudo, além de impulsivo, iracundo, inepto, cheio de má-fé, incapaz de se privar de um golpe baixo e ademais, possuído pelo desejo de destruir e liquidar aqueles que o feriam. Encontrava-se freqüentemente exilado, para fugir dos excessos de sua pena, por ordem real ou por conta própria. Tudo o que escrevia se agitava e se irradiava. Por outro lado, era extremamente lúcido, consciente de suas limitações, e tinha excepcional sensibilidade. Para Desfontaines, um dos seus desafetos, Voltaire era não apenas um péssimo escritor: era *um ignorante estouvado, uma cabecinha bêbada de orgulho, um homem para quem nada era sagrado, nem os costumes, nem o decoro, nem a compaixão, nem a verdade, nem a religião*. Para Montesquieu, Voltaire era um pequeno burguês, ambicioso e agitado, divertido e inteligente, porém irritante. *Voltaire não é ideal, é apenas passável. Será uma vergonha para a Academia acolher Voltaire; mas um dia será vergonhoso não tê-lo acolhido.*

Arouet foi convidado, ou melhor, recrutado, pela corte da duquesa du Maine, onde figuravam poetas jovens, talentosos e brilhantes. Acabou pondo seu talento e sua pena à disposição dos inimigos do regente, tido

por ele como um novo Lot, e sua filha, a duquesa de Berry, como uma nova Messalina, o que lhe valeu o confinamento em Tulle. M. Arouet conseguiu que o lugar de desterro fosse Sully-sur-Loire, onde parentes poderiam ajudar na correção de sua imprudência e esfriar um pouco o seu temperamento inquieto. Do exílio escreveu pedindo perdão ao Regente. De volta a Paris, reatou com a duquesa du Maine, Malézieu e a corte de Sceaux. Sentindo-se prejudicada na luta sucessória, a duquesa fomentou uma conspiração, em 1717, onde incitava todos os escritores de sua corte, entre eles Arouet, a fustigar o Regente com libelos, sátiras e poemas infamantes.

Preso, Arouet passa 11 meses na Bastilha, onde escreve *La Henriade* (por falta de papel vai guardando os versos de cor). Ao sair da prisão, Arouet mudou de nome, um anagrama de Arouet L(e) (J)eune; na época, a transformação do “u” em “v” e do “j” em “i” era perfeitamente regular. A mudança de nome significava afastamento de suas origens burguesas, integrando-o a uma *aristocracia do espírito, tão valiosa quanto a do berço*. Ao mesmo tempo, pedia publicamente que se esquecessem dos excessos de sua pena.

Recém-saído da Bastilha, Voltaire brilhou com a peça *Édipo*, que segundo ele, estava mais perto da perfeição do que fora possível a seus antecessores, referindo-se a Sófocles (*demasiado bárbaro*) e Corneille (*de uma rudeza insuportável*). O sucesso,

porém, não o satisfaz. Pretendia a consagração do Regente. Este relutava, mas acabou concedendo-lhe uma medalha de ouro, sem, no entanto, aceitar que *Édipo* lhe fosse dedicado.

A segunda passagem de Voltaire pela Bastilha está diretamente ligada aos seus desentendimentos com um representante da nobreza. O cavaleiro Gui Auguste de Rohan (Rohan-Chabot), de importante família francesa, primo do Cardeal de Estrasburgo, era um personagem insignificante, um aristocrata cuja nobreza limitava-se às origens. Irritou-se com o plebeu Arouet por ter este conquistado as graças da corte e cometido o pecado de acrescentar uma partícula ao nome (de Voltaire). Após vários desentendimentos verbais entre os dois personagens, num dos quais Voltaire teria usado de escárnio em sua réplica (*não carregava um grande nome, porém sabia honrar aquele que arrastava e, ainda, eu estou começando o meu nome, ao passo que o senhor está acabando com o seu*), Rohan-Chabot armou uma emboscada contra seu desafeto.

Espancado por arruaceiros, Voltaire resolveu fazer queixa à polícia, tendo a solidariedade do duque de Sully. Entretanto, apesar de talentoso, Voltaire não passava de um burguês e, sendo assim, nem mesmo Mme. de Prie, sua protetora (e amante do primeiro ministro, duque de Bourbon), ficou do seu lado. Não houve intervenção da rainha e somente foram punidos os agressores de aluguel.

Além de não ter escandalizado ninguém, o acontecido ainda mereceu críticas, entre as quais as de Montesquieu. Convencido de que nada conseguiria nos tribunais, Voltaire se dispôs a um duelo: refugiou-se no interior, tomou aulas de esgrima e exercitou-se com a pistola. Em sua volta a Paris, foi capturado pela polícia. Nessa época, Voltaire tinha 32 anos. Foi sua segunda passagem pela Bastilha, onde ficou do dia 18 de abril a 2 de maio, quando seguiu para o exílio na Inglaterra (sob forte escolta), onde ficou por 30 meses.

A passagem pela Bastilha e o exílio na Inglaterra provocaram uma mudança na vida, na obra e na elaboração do pensamento de Voltaire. Ele estava mudado pela experiência inglesa, mas, como sempre, dominado pelas três paixões que lhe dominavam a existência: o dinheiro, a religião e a literatura. Aqui aconteceria a metamorfose do homem de letras em filósofo e o encontro com a obra de Newton. Inaugurando seus dotes jornalísticos, foi responsável pela divulgação da história da maçã a partir de uma visita sua à casa de uma sobrinha de Newton.

Voltaire estava deslumbrado com a modernidade inglesa e com a constatação do atraso francês. Da Inglaterra guardaria o gosto da liberdade e da tolerância, da modernização, da utilidade coletiva, da intervenção dos escritores na vida pública, o grande chamamento ao exercício da razão e do espírito crítico. A filosofia o afastaria definitivamente de Versalhes.

*Écrasez l'infâme – Esmaguem a infame.* O bordão que costumava utilizar não designava somente a superstição; com ele, Voltaire procurava atingir a religião como um todo. E, como era conveniente escolher um alvo bem definido, preferiu a religião católica entre as demais, e os jesuítas entre todos os outros eclesiásticos. A escolha da religião, segundo Lepape (1995), foi imposta mais pelas necessidades da propaganda do que pelas convicções pessoais de Voltaire. Ao que tudo indica, ele ainda conservava boas lembranças de seus dias de estudante no Louis-le-Grand e, inclusive, mantinha correspondência cordial com seus antigos professores. Os jesuítas eram temidos pela sua influência, atacados pelas suas regalias e acusados de querer o controle da Igreja. No plano intelectual, eram os adversários mais temíveis dos filósofos por seu domínio sobre as mentes, pois controlavam o que havia de essencial no ensino.

A paixão pelo dinheiro, tão ridicularizada por todos, era, para Voltaire, uma necessidade vital, e ele se empenhou desde cedo para a consecução desse seu objetivo. A morte de seu pai não lhe garantiu a independência financeira, mesmo porque ele lhe deixara em testamento todos os bens de que dispunha aos prováveis futuros netos. Somente 8 anos depois o testamento foi anulado e Voltaire pôde usufruir da herança, sendo esta ainda insuficiente para se igualar ao estilo de vida da aristocracia.

A partir de 1722, Voltaire mergulhou

nos negócios com uma intensidade e falta de escrúpulos admiráveis, mas, apesar disso, levava uma vida financeira de altos e baixos. Em 1728, recebeu da Rainha uma pensão, a qual aplicou em uma loteria que fraudava o Estado. A maneira como Voltaire adquiriu sua fortuna jamais lhe causou qualquer constrangimento. Segundo ele, *decência era algo muito próximo do luxo*. Conquanto se utilizasse de recursos muitas vezes escusos para angariar fundos para sua campanha filosófica, entendia como abominável o fato de a igreja também se dedicar, como ele próprio, a investimentos como o tráfico de escravos. *Abomináveis cristãos, os negros que vocês compraram a um mil e duzentos francos valem mil e duzentas vezes mais do que vocês.* Foi nomeado gentil-homem ordinário do rei e historiador oficial da França, com soldo de duas mil libras e direito de entrar no quarto do rei. *Afinal, eis-me feliz neste mundo*, escrevia com vergonha e zombando de si mesmo.

A academia era vista como uma segurança de Voltaire contra os ataques dos adversários, uma forma de ganhar para suas idéias os órgãos do poder literário, sendo sua aspiração maior conquistar o rei, seduzir a elite letrada e difundir sua filosofia. Para entrar na academia, de certa forma renegou as Cartas Filosóficas: *jamais lhes dei esse título tão faustoso*. Atribuía a existência delas à falsificação.

Primeiro abriu espaço para os amigos; depois, contando com o apoio dos que já estavam lá dentro, alcan-

çou seu inteiro controle. Quando morreu, a academia era quase cem por cento voltaireana. Em vez de conseguir aliados, apenas conseguiu a hostilidade daqueles escritores (em grande parte anônimos), que o atacavam pela sua sovínice, sua vida privada, suas idéias, suas lisonjas, seu desprezo pelos escritores sem renome, seu frágil sentimento patriótico. Usou o poder para atacar seus inimigos.

O sucesso literário de Voltaire não corresponde a qualquer modernidade, moral ou estética. Em verdade, ele não inovou, apenas imitou com perfeição os modelos antigos; não criou um gênero novo e construiu sua fama nas alturas daqueles gêneros tidos como os mais nobres. Respeitava o público e a estética dele e, dizem, que sua única audácia foi matar a heroína em cena na tragédia *Mariamne*. Porém,

estava convencido que as palavras podiam dizer tudo aos que soubessem ler, por pouco que fosse o talento de quem as manejasse. Seu grande desafio vinha dessa total confiança nos poderes da literatura. A ela caberia derrubar os obstáculos entre o mundo dos doutos e o das pessoas comuns. O escritor cuidaria de manter abertas as passagens, aboliria as fronteiras entre a ciência dos eruditos e um público ainda governado pelos preconceitos e emoções. (Lepape, 1995:107)

Utilizou com perfeição os gêneros

tradicionais (a tragédia, o poema satírico e o didático, o conto com moralidade filosófica, a correspondência) e inventou outros gêneros, como a divulgação científica, o jornalismo de opinião e o panfleto de agitação cultural. Voltaire não escrevia para o rei, como era comum na época. Escrevia para o público, a quem pretendia pouco a pouco convencer de sua força como entidade coletiva em relação ao Estado. Sua literatura procurava atacar aqueles tipos e símbolos de um modo de ser e de um modo de pensar que não eram mais satisfatórios, mas que ainda subsistiam. No entanto, para Voltaire, ainda era preciso haver *lagartas para que os rouxinóis comessem e cantassem melhor*.

Utilizou com maestria algumas estratégias discutíveis, todavia bastante eficazes. Uma delas – o factótum – era a alegação de que uma obra sua era de outro, ou que se tratava de rascunho roubado e adulterado pelo editor. A polêmica acerca da veracidade dessas afirmações chamavam a atenção do público, ficando mais que divulgada a obra em questão. Outro artifício era o costume que tinha de imprimir a mesma obra em Londres e Amsterdã (onde não era proibida) e em Rouen ou Paris (onde era proibida). Então acusava o editor francês de pirataria e apropriação indébita, o que podia levar o editor à prisão. Enquanto a polícia se empenhava em descobrir e apreender a edição francesa, a edição feita no exterior passava pela fronteira. A perseguição dava fama ao livro e o público o dis-

putava. Outras vezes, apresentava alguns trechos de suas obras aos amigos. Alguns copiavam cantos, o autor fingindo que não via. A história se espalhava e todos queriam conhecer a obra. Saíam edições que Voltaire adiantava-se em negar que fossem suas. Fazia questão de negar a autoria de um texto até ter certeza de que estava sendo bem recebido.

Quando os irmãos Cramer passaram a ser os novos editores de Voltaire, acataram como estratégia para difusão em toda a Europa a impressão de obras pouco volumosas, que poderiam atravessar as fronteiras em pequenos pacotes e serem escondidas nas capas dos livreiros, que costumavam levar as encomendas à casa do cliente. Isso permitia também um preço mais acessível. Voltaire começou a escrever o *Dicionário Filosófico* com o intuito de ultrapassar Diderot naquela área que realmente interessava – a das idéias. O formato dado ao dicionário, e daí o fato de tê-lo chamado Portátil, era mais uma de suas estratégias e dos editores Cramer para divulgar a obra em toda a Europa. Segundo Chauí (1988), o sucesso conferido ao livro foi não somente sua fácil circulação devido a seu formato. O principal motivo de sua aceitação foi seu *conteúdo, que constituía um sólido alimento intelectual para todos os descontentes com a ordem então vigente. Foi o primeiro livro de bolso e constituiu-se num poderoso instrumento revolucionário (...)*.

Vemos em *Cândido*, publicado em

1759, que Voltaire desistira da aliança com o rei. Voltar-se-ia para a opinião pública, da qual esperava ajuda para sobreviver. Com *Cândido*, Voltaire inaugurou uma terceira fase – a de divulgador de idéias para um público diferenciado, não mais para a nobreza e a intelectualidade. Sua meta era o cidadão comum, geralmente da burguesia, parcela já letrada mas que ainda não tinha acesso às grandes divagações filosóficas. O terremoto de Lisboa, que atingiu também Cadiz, Tanger e Meknes, deixou Voltaire impressionado. *A providência caiu de quatro, o tudo vai bem e o otimismo estão de crista baixa*. Estava pronto o refrão do *melhor dos mundos possíveis* que iria pontuar ironicamente o *Cândido*, segundo Lepape (1995). Esse livro

marcava a adesão de Voltaire ao romance, um gênero classicamente considerado menor na hierarquia da produção literária. O grande poeta clássico, cujas peças e poemas os leitores cultos sabiam de cor, escolhia como arma para a batalha filosófica as banalidades da matéria romanesca: amores, tempestades, naufrágios, atos de gratidão, prisões, ressurreições, duelos, galeras, perseguições, escravidão. O objetivo não era suscitar a admiração dos colegas, nem aperfeiçoar a imitação dos modelos tradicionais, porém tocar o coração do grande público, emocioná-lo, provocar-lhe o riso e levá-lo à reflexão, mediante a exploração de mil variações agradáveis ou dramáticas de um tema simples: a liquidação de todas as ideologias enganosas, que procuravam esconder do

homem o absurdo de seu destino, e a construção lenta, trabalhosa, modesta de uma sociedade relativamente feliz, um jardim a ser cultivado. A fim de passar adiante as suas mensagens, Voltaire valeu-se da ironia, da calma desmistificação da vida, do burlesco, do picaresco e da imaginação; desse modo, punha claramente em cena uma política do estilo: não ganharia a opinião pública com livros volumosos, caros e repletos de elevados conhecimentos, de tratados ou discussões filosóficas; uma vez tomada a decisão de apoiar-se no público, convinha dar aos textos as melhores condições de divulgação. (Lepape, 1995:219).

O livro foi impresso em sigilo, remetido para Paris e impresso simultaneamente em Lyon, Avignon, Liège, Londres e Amsterdã. Voltaire negou ser o autor do livro. *Cândido* é o grande clássico do autor, obra em que combate o otimismo metafísico e a teoria da harmonia preestabelecida.

Voltaire foi o mais fecundo correspondente de todo o século XVIII. Em sua *Correspondência* (treze volumes na edição da *Pléiade*), retrata não só suas idéias, mas também descreve seu cotidiano e seu lado romântico, nas cartas que escreve para sua sobrinha e companheira, Mme. Denis. A carta, no século XVIII, era um gênero literário como outro qualquer, não se constituía apenas em um meio de troca de idéias entre duas pessoas. A menos que fosse previamente estabelecido o seu caráter confidencial, eram escritas, difundidas e muitas vezes publicadas. E Voltaire soube

utilizar-se das cartas para difundir suas idéias. Era corriqueiro o fato de divulgar e publicar tanto as cartas que enviava quanto as que recebia. Nas mais de 10 mil cartas que deixou, enviadas a personalidades as mais distintas – abades, intelectuais, reis e até mesmo o papa – trata das mais diversas questões, no tom que convém a cada um deles. Faz política, lisonjas, intrigas, guerra declarada contra a intolerância e o fanatismo.

Em 1760, Voltaire mudou-se definitivamente para Ferney, que batizou de Ferney, na fronteira da França com a Suíça. Enfim, pôde pôr em prática um modo filosófico de ser fidalgo rural: plantava, fazia experiências agrícolas, introduziria o bicho-da-seda (confiou a manufatura ao filho de Calas), dirigia ele mesmo o corte da madeira destinada a suas construções, difundia normas de higiene, encorajava a vacinação, promovia a confecção de rendas e a fabricação de relógios. Ferney transformou-se em uma espécie de principado, no qual ele se esforçou para reinar, como senhor, como proprietário, como legislador e até mesmo como uma espécie de pároco.

Segundo Lepape (1995), *Ferney tornou-se a Roma da Filosofia, de onde se expediam bulas, encíclicas e excomunhões; era também o seminário em que os jovens noviços recebiam a unção 'voltaireana' antes de sair ao mundo a fim de pregar a verdade*. Também representava o ponto de partida dos ataques do filósofo contra a intolerância, o fanatismo e todas as

formas de injustiças praticadas em nome da religião, como os casos Calas, La Barre, Sirven, que o tornaram popularmente conhecido. Ferney era, ainda, um modelo ideal de cidade, patriarcal em sua forma de governo, moderna em sua economia, tolerante no modelo de pensar e disciplinada pelos refinamentos da cultura e da elegância dos costumes.

Em 10 de março de 1762, no ano do bicentenário da Noite de São Bartolomeu, foi supliciado em Toulouse o comerciante huguenote Jean Calas, acusado injustamente de ter matado o filho, que pretendia se converter ao catolicismo. Voltaire soube do caso a partir da visita de um protestante que se deteve em Ferney. Estava criada a ocasião propícia para Voltaire sair em sua cruzada contra a intolerância e o fanatismo, sem, entretanto, *deixar explícitos os seus objetivos e sem a necessidade de chocar-se de frente com esses temíveis poderes*. Dispunha de três armas poderosas para sair a campo: a fortuna, o temor que suas idéias suscitava e as relações de que dispunha.

As cartas de Voltaire saíram às centenas, endereçadas a reis, ministros, grandes senhores e prelados. Encarregou os enciclopedistas de espalharem inúmeras brochuras propagandistas que mandou imprimir na Suíça. *É preciso que sejam espalhadas por todos os lugares – diz a D'Alembert – que com elas se inunde Paris, que todo o público fique a par desses horríveis acontecimentos*. Fez vir a Paris a viúva de Calas, que foi apre-

sentada aos salões e círculos influentes, a suas expensas. Mobilizou tudo e todos em sua campanha. Toda a Europa comoveu-se com a denúncia de Voltaire, tornando-se favorável a Calas. *Tornamo-nos motivo de horror e desprezo na Europa, fico indignado com isso. Para a honra da França, é importante que o julgamento de Toulouse seja confirmado ou condenado*.

Uma de suas estratégias foi manter inédito até dezembro de 1762, o *Tratado sobre a Tolerância*, a fim de que não fosse perturbado o trabalho de revisão do processo. Outra era contrapor a província – intolerante, preconceituosa, bárbara – a Paris – moderna, polida, culta.

Voltaire ataçava aquele parisiense. Não se limitava a lisonjear aquela Paris esclarecida que fremia de indignação com as desgraças de Calas e se insurgia contra os seus carrascos; apresentava Paris como um modelo oposto ao da França provinciana e rural, mal polida, ignorante, ingenuamente manipulada pelos padres, aberta a todos os excessos de fanatismo. (...) estava também respondendo a Rousseau e sua exaltação do primitivismo, sua religiosidade patriarcal, sua denúncia da decadência moral e da hipocrisia da sociedade civilizada. (Lepape, 1995, 229)

Sua indignação se estendia a todos os franceses, que também deviam indignar-se e combater a intolerância e a superstição:



Clama-se que somos uma nação odiosa, intolerante, supersticiosa, tão atroz quanto frívola, que pas-sas das noites de São Bartolomeu para a ópera cômica, que sabe torturar inocentes, mas não sabe combater nem na terra nem no mar. É triste ter de ouvir essas crí-ticas vergonhosas.

Em 1765, Voltaire envolveu-se no caso La Barre. Jean François de Le Fabvre, cavaleiro de La Barre, foi acusado de mutilar um crucifixo da ponte de Abeville, juntamente com outros dois rapazes. La Barre foi o único condenado à morte. Teve a língua retalhada antes de ser decapitado e, juntamente com seu corpo, mandaram lançar às chamas um exemplar do *Dicionário Filosófico*, apreendido em uma busca na casa do jovem cavaleiro. O envolvimento do Dicionário no caso deixou Voltaire amedrontado, pois ergueram-se vozes pedindo que ele fosse julgado como cúmplice e instigador do “crime” de Abeville. Voltaire escreveu a Frederico II e a outros filósofos. Propôs a criação de uma “colônia filosófica”, onde poderiam se refugiar da intolerância, do fanatismo e das perseguições – bem longe de França e, quem sabe, na Prússia, sob a proteção de Frederico II. A idéia jamais viria a se concretizar.

Sollers (1994) diz que Voltaire não só não temia a notoriedade como a converteu em sua principal ferramenta de combate. Em 1765, atingiu popularidade semelhante à dos astros internacionais de hoje. Foi o primeiro a

alcançar tal posição no domínio das letras. Tinha, afinal a posse de um poder que não lhe fora dado por ninguém e nenhuma instituição. Era fruto de sua glória artística, um atestado do apreço do público àquilo que escrevia. Com seu olhar múltiplo e sua sagacidade

dava a impressão de estar em toda parte, em todos os debates, em todos os livros que apareciam, em todas as peças que subiam ao palco, em todas as intrigas que se teciam e desteciam. Vivenciava, assim, uma de suas obrigações de escritor-filósofo, a onipresença, que se fazia ainda mais exigente em consequência de seu distanciamento do cadinho parisiense. Já que se pretendia a consciência de seu público, devia ter a responsabilidade por tudo, sem no entanto abdicar de sua função de escritor. (Lepape, 1995:244)

O auge da publicidade e do sucesso junto ao público, inclusive a população iletrada, que não acompanhava seus debates literários, deu-se em função de sua indignação e do fervor com que levantou a opinião pública nos casos Calas, La Barre, Sirven e outros. Passou a ser idolatrado. Surgiram em abundância toda sorte de *souvenirs* – medalhões, bustos, silhuetas, moedas, relógios –, que traziam sua figura estampada. Segundo Sollers, em torno de Voltaire *montou-se o primeiro merchandising cultural da modernidade*. A opinião pública era uma nova fonte de poder, maior que a genealogia, que as armas, que

a própria igreja.

Depois de 30 anos longe de Paris, os amigos de Voltaire começaram a articular seu retorno e, para concretização do fato, fez-se necessária a concordância do rei.

Em 16 de maio de 1774 morreu Luís XV. Luís XVI, que na época tinha 20 anos, não tinha para com Voltaire uma disposição melhor que a de seu avô, mas, segundo o rei, não havia proibição oficial; apenas foi participado a Voltaire que seria preso caso viesse à capital. Mas, se por acaso houvesse a representação de uma peça de Voltaire e este fosse convidado a ver o espetáculo, Versalhes ignoraria a presença dele na temporada.

Não, o aparecimento de um vidente, de um profeta, de um apóstolo, não causaria mais surpresa e admiração do que a chegada de M. de Voltaire. Esse nosso prodígio anulou por um momento todas as outras atrações. O orgulho enciclopédico pareceu cair pela metade, a Sorbonne estremeceu, o Parlamento silenciou, o mundo literário ficou emocionado, Paris inteiro acorria para chegar aos pés do ídolo, e jamais o herói de nosso século fruiria de modo tão brilhante sua glória, se a corte lhe houvesse dado a honra de um olhar mais favorável ou pelo menos não tanto indiferente. (*La Correspondance Littéraire*, fev. 1778)

Em 30 de março de 1778, Voltaire foi sagrado rei em Paris. Milhares de pessoas passavam debaixo de sua

janela, na tentativa de vê-lo. Personalidades da época iam à casa onde se hospedava para ver, pedir conselhos e incensar o novo orgulho francês. Dizem que até mesmo Franklin levou o neto, *ao qual disse para pedir benção ao velho. O velho abençoou-o em nome de Deus e da Liberdade. (La Correspondance Littéraire*, fev. 1778). Também recebeu uma delegação da Loja Maçônica, a qual fez dele uma espécie de maçom honorário.

No percurso entre sua casa e a Academia Francesa, recebeu a homenagem de milhares de pessoas que se enfileiravam ao longo do percurso. Paravam a carruagem, pediam a mão do filósofo para beijar e arrancavam pêlos de sua peliça. Na comédia francesa, *Irène*, uma de suas últimas peças, foi apresentada em meio aos aplausos e Voltaire foi coroado de louros. Instalaram seu busto em um pedestal e o cobriram de guirlandas, pétalas e fitas.

Comentário de Voltaire a Frederico II: *É portanto verdade, Sire, que os homens terminam por esclarecer-se, e aqueles que se julgam pagos para mantê-los cegos nem sempre são os encarregados de vazar os seus olhos.*

Voltaire morreu em Paris em 30 de maio de 1778. Tiveram que ocultar sua morte à multidão estacionada debaixo de suas janelas. Disseram ao povo que ele decidira voltar a Ferney. Embalsamaram seu corpo, depois de haverem retirado seu coração

e seu cérebro. O coração, retirado por Villete, está na Biblioteca Nacional de Paris. Foi enterrado às escondidas na abadia de Sellières. Seu derradeiro bilhete diz que *morria admirando os amigos, sem odiar os inimigos e detestando a superstição*.

Em 11 de julho de 1791, treze anos depois de sua morte, seus restos mortais foram considerados propriedade da nação francesa, sendo levados a Paris com grande pompa. Aproximadamente 500.000 parisienses acompanharam o cortejo. Diz-se que a multidão cantava trechos de uma música composta para a ocasião: *Que os nossos cantos de alegria acompanhem as cinzas do mais ilustre dos Franceses. Ah, Voltaire é concidadão de todos os mortais que não são escravos!* (Sollers, 1994:59) Foi enterrado ao lado de Rousseau e, segundo Lepape, há

uma lenda segundo a qual os dois irmãos inimigos foram clandestinamente exumados pelos ultra-realistas em maio de 1814 e seus restos abandonados em um terreno baldio. A paixão sacralizada nunca se extingue: ela cria seus próprios romances. (Lepape, 1995:285).

Se a corte de Luís XIV o tivesse acolhido melhor, se não o tivessem mandado encarcerar por duas vezes na Bastilha, se não o tivessem exilado, poderia haver, simplesmente, notícias de Voltaire por suas qualidades de bom versejador, por sua habilidade estética, pela elegância de suas tiradas satíricas. Sollers (1995),

diz que

por sorte, os fados, ao tornarem impossível a sua modesta ambição primária de conviver com aristocratas, obrigaram-no a assumir um destino muito mais notável e distinto: converter-se em monarca sem coroa - com um gorro de dormir e chinelos de quarto - de todo o seu século.

Naqueles anos, toda a França vivia sob vigília constante da igreja, sob a influência de seus dogmas e presa da superstição e do medo. Se para quem professava a religião católica, aqueles eram tempos difíceis, imaginemos o que era ser protestante e assumir sua fé. Os huguenotes, os poucos que sobraram na França depois da revogação do Edito de Nantes em 1685, por Luís XIV, eram alvo de vigilância constante, não só por parte das autoridades oficiais e eclesiásticas, mas por todo o povo católico, que se sentia incomodado com o jeito diferente deles. Aliás, os calvinistas franceses eram chamados pejorativamente de huguenotes, talvez por causa do vocábulo *huguon* (que em Turena se aplicava às pessoas que transitam à noite pela rua) ou da corruptela da palavra alemã *Eidgenosse* (que significa confederados) ou de Hugon (os primeiros protestantes se reuniam em cavernas subterrâneas perto da porta de Hugon, em Tours).

Toda essa intolerância religiosa marcou profundamente a vida, a obra e as idéias de Voltaire. Toda sorte de injustiças, mormente aquelas pratica-

das pela igreja e em nome da religião tornaram-se a principal mola propulsora de seus ataques ferinos, de seus panfletos e de suas cartas, em que denunciava e convocava a opinião pública a tomar partido.

Vimos que não foi bem dessa forma que Voltaire começou a sua atividade literária. Na primeira parte de sua vida, quando ainda contava com as graças da corte, apenas manipulava as palavras com habilidade, tendo como único objetivo a sátira de costumes e o estar bem naquele ambiente que tanto o fascinava. Com a segunda passagem pela Bastilha e sua conseqüência direta – o exílio para a Inglaterra – Voltaire entraria em contato com uma nova visão de mundo. A Inglaterra fascinou o filósofo pela modernidade, pela tolerância de suas leis, pela intervenção dos intelectuais na vida pública e até mesmo pela constatação do valor que os ingleses davam aos seus artistas (escritores, atores, cantores, etc.) e o pouco valor que lhes davam os franceses. Aí aconteceria a primeira mudança em suas idéias. O verzejador habilidoso transformar-se-ia em filósofo. Não importava apenas satirizar. Era necessário utilizar o conhecimento adquirido a bem da razão e contra toda a espécie de obscurantismo, de intolerância e de medo. Era tempo de “luz”, e Voltaire podia ser considerado um desses focos de razão em prol da conquista humana por liberdade, felicidade social e civilização. Nessa fase, Voltaire era o intelectual da academia. Escrevia para seus “iguais”, filósofos, enci-

clopedistas, intelectuais da nobreza e toda a aristocracia culta da Europa. Temos nessa fase a elaboração e construção de grande parte de sua obra, sua participação na academia, na Enciclopédia, seus contatos com Frederico II da Prússia, sua vida com Mme. Chatelêt, sua corrida desenfreada pelo dinheiro e as estratégias de impressão e divulgação de suas obras, bem como sua peregrinação pela Europa em busca de um porto seguro, longe da ameaça de seus adversários, longe das conseqüências dos excessos de sua pena.

Mudou-se para Ferney, aquele porto seguro que almejava desde então. Aí estabeleceu seu principado, de onde enviaria seus dardos com segurança e perspicácia. O filósofo, a despeito de estar longe da corte, comandava uma verdadeira rede de intrigas, tendo Ferney como ponto estratégico de manipulação de interesses. De Ferney, Voltaire via o mundo, com o qual mantinha contato por meio das visitas e também das cartas que enviava e recebia. Sabia de todas as intrigas e se metia em todas elas, como os casos de intolerância religiosa mais famosos – Calas, Sirven e La Barre. O terremoto de Lisboa atingiria também nosso filósofo, que não pretendia mais ser apenas o escritor admirado pela *aristocracia do espírito*, como dizia. Importava agora difundir idéias para o grande público, *emocioná-lo, provocar-lhe o riso e levá-lo à reflexão*. Ainda se valia da ironia, do burlesco e da imaginação, que soube aprimorar ao longo do tempo. A opinião pública era o que importava.

Importava insuflar a dúvida, a desmistificação da vida naquela parcela que não comungava com os debates sofisticados da academia e que não era consumidora dos grandes tratados ou das discussões filosóficas. Para tanto, era necessário recorrer a um gênero que estava amplamente difundido entre os cidadãos comuns – o romance –, tido como gênero inferior na “hierarquia da produção literária”. Estava feito o convite à razão, que levaria paulatinamente o cidadão comum a compactuar com as idéias que até então circulavam somente nos redutos da intelectualidade. Estava feito o convite ao cidadão comum, que também precisava conquistar a razão para evoluir, progredir e tornar-se perfeito ou civilizado. Era um basta ao medo, ao obscurantismo, ao irracionalismo dos dogmas da Igreja Católica.

De maneira geral, Voltaire e as idéias iluministas significaram uma postura crítica e combativa a todas as tradições, sendo seu objetivo principal a libertação dos indivíduos para a descoberta de seu poder de manejar a natureza, dominando-a conforme os seus próprios desejos, o que não só

permitiu ao homem reconhecer-se como parte integrante da natureza mas que, sobretudo, o emancipou da superstição e do dogma, promovendo a sua autonomia. Liberto do autoritarismo, do poder absoluto, da fé, da superstição, do medo e do dogma religioso, o homem podia alcançar a crença na luz da razão humana e com ela combater todas as formas de obscurantismo. O homem tornava-se sujeito e dono do seu destino. Significava também uma nova etapa na história da civilização a partir da noção do progresso sob a luz da razão, da ciência, da observação e da experimentação.

Como disse Sollers (1995), Voltaire faz-nos falta nesse fim do século XX, decididamente surpreendente. O “estalajadeiro da Europa” faz-nos falta em meio a tanta *ignorância, superstição, estupidez, crueldade, facécia!*

E Voltaire, em uma de suas declarações a Mme. Denis, teria dito:

“Tentaram enterrar-me, mas esquivei-me disso. Boa noite!”

### Referências Bibliográficas

CHAUÍ, M. Vida e obra. In: *Voltaire*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores)

ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. *Voltaire*. São Paulo - Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, v. 20, p. 11475.

GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. *Voltaire*. Lisboa - Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Limitada, v. 36, p. 625-627.

HEUVEL, J. van. *Albun Voltaire: iconographie, choisie et commentee/par J. van Heuvel*. Paris: Gallimard, 1983. 323p. (Albun de la Pleiade; 22)

LEPAPE, Pierre. *Voltaire: nascimento dos intelectuais no século das luzes*. Trad. Mário Pontes. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995. 308p.

MARCONDES, Danilo. A crise de paradigmas e o surgimento da modernidade. In: BRANDÃO, Zaia. *A crise dos paradigmas e a educação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996. p.22-23.

MEDINA, J. Nótula Bibliográfica de Voltaire. *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, n.18, 5ª Série, p.49-50, 1995.

NASCIMENTO, Maria das Graças do. A tentação materialista de Voltaire. *Discurso 17*. Revista do Departamento de Filosofia da USP. São Paulo: Polis, 1988, p. 75-88.

NOVA Enciclopédia Barsa. *Voltaire*. São Paulo - Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, v. 14, p. 425-426.

SAVATER, Fernando. O genial homem anúncio. *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, n.18, 5ª Série, p.57-59, 1995.

SOLLERS, Philippe. Voltaire faz-nos falta. *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, n.18, 5ª Série, p.55-56, 1995.

VOLTAIRE, defensor de Calas. Disponível na Internet: JurisNet Magazine Virtual - Casos Especiais, 1998. URL: <http://www.truenetn.com.br/jurisnet/hrobert.html>

VOLTAIRE. *Cartas Inglesas*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores; 23).

VOLTAIRE. *Cândido, ou o optimismo*. Lisboa: Guimarães Editores, 1989.

VOLTAIRE. A morte de Jean Calas. In: *Tratado sobre a tolerância: a propósito da morte de Jean Calas*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Disponível na Internet: JurisNet Magazine Virtual - Casos Especiais, 1998. URL: <http://www.truenetn.com.br/jurisnet/voltaire.html>

VOLTAIRE. *Micrômegas*. Disponível na Internet: Centro de Estudos Estratégicos (CEE) - Brasília, 1998. URL: <http://www.sae.gov.br/cee/micromeg.htm>

E-mail: [jspimenta@mail.ufv.br](mailto:jspimenta@mail.ufv.br)